

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.47914>

Resenha recebida em: 15/12/2022

Resenha aprovada em: 09/04/2023

Resenha publicada em: 26/06/2023

[RESENHA]

PASOLINI – O FANTASMA DA ORIGEM

de Massimo Recalcati

Michelly Alves Teixeira¹

(michellyteixeira@hotmail.com)

Resumo: Recentemente, saiu pela Editora Âyiné, um livrinho curto que, entre pequenos ensaios, reflete teses pasolinianas de maneira tal que sua estrutura de setenta e seis páginas, prepara o leitor para o vasto campo de possibilidades da obra de Pasolini. Seu título, impenetrável a princípio, *Pasolini – o fantasma da Origem*, também é parte de um ensaio pertencente ao livro. Seu autor, Massimo Recalcati, psicanalista e escritor italiano, famoso por adentrar a contemporaneidade mediante um olhar psicanalítico, dispõe uma linha narrativa entre um ensaio e outro, não escapando totalmente da singularidade intrincada de que possui a narrativa pasoliniana, mas facilitando e muito o acesso com uma escrita linear.

353

Palavras-chaves: Passolini. Recalcati. Narrativa.

Recentemente, saiu pela Editora Âyiné, um livrinho curto que, entre pequenos ensaios, reflete teses pasolinianas de maneira tal que sua estrutura de setenta e seis páginas, prepara o leitor e a leitora para o vasto campo de possibilidades da obra de Pasolini. Seu título, impenetrável a princípio, *Pasolini – o fantasma da Origem*, também é parte de um ensaio pertencente ao livro. Seu autor, Massimo Recalcati, psicanalista e escritor italiano, famoso por adentrar a contemporaneidade mediante um olhar psicanalítico, dispõe uma linha narrativa entre um ensaio e outro, não escapando totalmente da singularidade intrincada de que possui a narrativa pasoliniana, mas facilitando e muito o acesso com uma escrita linear. De fato, a personalidade de Pasolini emerge de uma conjectura de antíteses.

Através das complexidades de que se apoderou no decorrer da vida, o pensamento pasoliniano está às voltas com uma conciliação impossível, e disto o livro se apodera bem ao

¹ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. Mestra e Graduada em Filosofia pela mesma Instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6860370367827142>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0842-8824>.



confirmar que “razão e paixão, história e natureza, pensamento crítico e pulsão nunca encontram em Pasolini uma conciliação segura, mas permanecem em um estado de desacordo constante, sem síntese possível” (RECALCATI, 2022, p. 12). Isto faz com que constatemos um certo rodopiar do autor em torno do pensamento de Pasolini, ora indo e vindo, cujo objetivo é perambular a fim de cerzir uma imagem fiel da contradição em exercício. E, acertadamente, apesar de isso parecer um problema, a encrenca foi de tal modo tão bem desenvolvida, que Recalcati atravessa as contradições a fim de buscar o visionário que leu a época de barbárie, promovido pelo capitalismo italiano do segundo pós-guerra, ao decifrar “o inferno da “mutação antropológica” do homem, de “súdito” a consumidor, da “destruição”, do “genocídio”” (RECALCATI, 2022, p. 13).

O livro *Pasolini – o fantasma da Origem* (2022) é composto por onze textos ensaísticos, construídos com base em experiências de leitura da obra de Pasolini, mas não só, uma vez que no primeiro ensaio o autor esclarece ser Pasolini um pedaço de sua geração, perpetuador de simpatias e admirações diversas, assim como exemplo de uma liberdade em construção. O texto, por essa e outras causas, distancia-se de um tom mais técnico, fazendo jus a um pensamento crítico de Pasolini que ainda hoje, devido a uma ressonante popularidade polêmica, ironiza qualquer movimento que se põe um tanto para fora da curva. Nesta composição, Cezar Tridapalli, tradutor da obra para a língua portuguesa, esclarece na orelha do livro que Massimo Recalcati recupera a “complexidade daquele que talvez tenha sido um dos últimos intelectuais públicos. [...] O retrato de um conflito não resolvido entre vida e história, corpo e razão, indivíduo e comunidade, mito e desmitização; as metamorfoses do poder e a resistência da palavra” (2022). Esta é a confirmação das complexidades de uma teoria que vivifica as contradições do enfrentamento político.

A fim de aprofundar as teses de que dispõe o autor a partir da obra de Pasolini, adentraremos as mais sintomáticas. Assim, o nosso objetivo ao dar luz ao texto de Recalcati é fazer perceber quem foi Pasolini, assim como fazer perceber a importância da sua obra para o pensamento político contemporâneo. E isto é tão significativo, que já no ensaio que dá nome a obra, o sentido de *Origem* tem por disposição resgatar “a pureza dos corpos não corrompidos pela alienação da civilização do consumo” (RECALCATI, 2022, p. 15). Neste momento, a clareza de que Pasolini tende a retomar a natureza do sujeito, ao perceber o seu afastamento devido ao avanço capitalista, tem reflexo por toda a obra que temos à mão. Portanto, o seu aprofundamento carrega o sentido de abertura, mesmo de advento, que ressoa em



Rousseau, quando declara o poder de degenerescência das coisas quando estão em domínio do homem².

O sentido que carrega as declarações de Pasolini à vista dos comentários de Recalcati tem por prenúncio a crítica ao desenvolvimento histórico que, vinculado às instâncias de progresso, afasta o sujeito da “verdade mitológica da Origem” (RECALCATI, 2022, p. 15), e, conseqüentemente, impõe o seu domínio sobre a natureza. Ou melhor, quando apartado das vicissitudes do progresso, a vida destina-se a buscar sua aspiração fundamental que é o Bem absoluto. Distante disso, o que resta ao sujeito insistente que permanece imbricado nas mutações do progresso, e por conseguinte, do consumo, é a degradação cotidiana, não lhe restando alternativas “que não seja permanecer dividido entre a transcendência de um desejo que o impulsiona incessante e desesperadamente para frente, arrancando-o da Coisa originária, e a nostalgia cortante e melancólica por esta perda irreversível da Origem que o mantém constantemente voltado para trás” (RECALCATI, 2022, p. 16).

As conseqüências desta desvinculação entre o sujeito e a Origem tem efeito em *Semiologia do corpo*, segundo ensaio que dá forma a esta compilação. Neste comentário, Recalcati resgata o artigo publicado no *Corriere della sera*, em 1973, intitulado “Contra os cabeludos”. Para ele, Pasolini, além de “evocar a teatralidade do corpo trazida à luz por Freud”, reitera a “valência expressiva do corpo na sua tradução dos conflitos e das inquietudes da vida psíquica” (RECALCATI, 2022, p. 17). Além disso, apresenta o corpo como lugar de formação inconsciente de tipo social (*Ibid*, p. 17). Ele percorre, portanto, um exercício de identificação do corpo no “discurso do Outro” lacaniano, para julgar o exercício dos corpos a partir das teses biopolíticas de conformação do poder pretendidas por Foucault. O objetivo é “ilustrar como o poder – o discurso instituído pelo Outro – pode agir sobre, fabricar, dar forma ao corpo”, tratando-se da “Aparição” de sujeitos, de uma nova categoria humana – que se afasta da histeria freudiana, decorrente do contraste entre o corpo e o poder –, que por meio da “subsunção do corpo às redes do poder”, dirige-se ao assujeitamento do sistema de consumo (RECALCATI, 2022, p. 18). As implicações que decorrem desta captura do discurso do Outro pelo poder, e, conseqüentemente, oportuniza a eclosão de formas fabricadas, propicia a “Aparição” desses novos sujeitos.

² Rousseau reforça o poder da degenerescência das coisas quando estão em domínio do homem em suas obras de teor político, sobretudo, em “O discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”. O teor da obra é repleta de críticas a propriedade privada e ao seu poder de acúmulo de bens, cuja tendência é a degenerescência da natureza humana.



Ademais, à guisa de exemplo, Pasolini entrevê como as contradições internas dos movimentos que irrompeu 1968, não escapavam da relação de submissão ao sistema, por mais consistente que fossem as críticas contra o sistema capitalista. As críticas de Pasolini, portanto, se assentam contra o movimento de 1968 afirmando ser esse “o dissenso aparente (que) se metamorfoseia em um substancial consenso conformista” (RECALCATI, 2022, p. 20). E, provando a fácil apropriação do movimento pelo sistema dominante, perdendo, conseqüentemente, o potencial crítico antissistêmico. Nesse estado que metamorfoseia direita e esquerda, “a subcultura do poder absorveu a subcultura da oposição, apropriando-se dela: com diabólica habilidade fez dela pacientemente uma moda” (RECALCATI, 2022, p. 21 *apud* PASOLINI, 1977, p. 6). A raiz que subverte os valores, metamorfoseando o sentindo conflituoso que confunde direita e esquerda ou consenso e conflito, talvez é respondida no ensaio intitulado *A laceração*, em que Recalcati se dispõe a analisar dois poemas de Pasolini, *Le ceneri di Gramsci* e *La religione del mio tempo*. Na análise de ambos os poemas, o que Pasolini identifica e Recalcati faz perceber é que, diferente da teoria gramsciana-marxiana, cuja existência humana não rompe com o fluxo da história, em Pasolini, a vida que interessa, como a do sujeito proletário, “vem, de fato, antes da sua alienação histórica” (RECALCATI, 2022, p. 25). Ao seguir por esta trilha, como vimos, Pasolini afasta-se de Marx e Gramsci, mas se solidariza com Rousseau, já que visualiza o movimento progressivo da história como causa do rompimento do humano com a Origem.

Ao confirmar um caráter anti-histórico em Pasolini, quando compreende que a história “implica o distanciamento progressivo da natureza” sendo causa de alienação, então, só nesta confluência entre a natureza e o povo é o que Bem se manifesta como “origem incontaminada da vida”, que para Recalcati, reproduz bem o caráter regressivo de fantasia ao implicar a idealização do passado, “sua mitificação acrítica” (2022, p. 25-26). Entretanto, esse cenário ativa um conflito, já que para escapar do populismo ideológico, preserva-se em Pasolini, “o caráter insuperável da contradição entre pulsão e história, em vez de se limitar a amaldiçoar a história em nome da pulsão” (RECALCATI, 2022, p. 27). Portanto, e isto é confirmado na análise do poema intitulado *La religione del mio tempo*, o tempo da Origem retorna atravessado pela perda, provando estar o fantasma da Origem, sempre amalgamado à experiência de uma laceração. Este retorno, tem conseqüências na análise que Pasolini faz do que ele nomeia de “Novo fascismo”.

No ensaio *A tragédia do novo fascismo*, Recalcati se debruça aos artigos publicados, sobretudo, nos anos setenta em jornais de época e reunidos em *Escritos*



corsários. Sua visão percorre uma mudança de época, especialmente nos anos sessenta. O que ele nomeia de “Novo fascismo”, isto é, “novo” no sentido de se sobrepor ao fascismo clássico, está regido sob outras formas de dominação, não mais apegado a velhas tradições. Ou seja, enquanto o velho fascismo tinha por preceito expressar-se pelo poder autoritário, cuja motivação eram valores ideológicos (pátria, Igreja, família, disciplina), sua disposição para a ação girava no ciclo autoritário que decreta a morte sem “ter uma influência eficaz sobre a vida, ou seja, sem transformar a vida” (RECALCATI, 2022, p. 36). Entretanto, na dinâmica de execução do poder que organiza o Novo fascismo, sua base não se constitui mais na iminência do “poder de morte”. Sua execução se dá no contínuo exercício de modificar a vida, por meio do poder biopolítico. Sua finalidade, portanto, antes de manter a execução repressiva do controle da vida, trata-se “da ‘reorganização’ e da ‘homologação brutalmente totalitária do mundo’” (RECALCATI, 2022, p. 37 *apud* PASOLINI, 1974, p. 59). Distante dos modos de ação do fascismo tradicional, este conceito de Novo fascismo tem por escopo a retirada do sentido mitológico e religioso da vida, “em nome de uma ilimitada promessa hedonista, em nome da comodidade e do bem-estar” (RECALCATI, 2022, p. 37).

357

Sua definição ainda mais esclarecedora é a identificação de uma revolução reacionária do Novo fascismo, retroalimentada pela industrialização neocapitalista e o intenso projeto de alavancar estas formas desenvolvimentistas pela cultura televisiva. Disto resultam um povo que vive para aspirar valores da burguesia e do mercado, “mutilando as próprias tradições, conformando-se a ideias que não lhe pertencem” (RECALCATI, 2022, p. 38). Surge disto, uma *nova categoria do humano*, “outorgado como consumidor, do homem que dessacraliza o mundo” (RECALCATI, 2022, p. 39). Conseqüentemente, este novo espírito burguês transforma todos em consumidores, e, “se o povo é o lugar que permite preservar uma representação sagrada do mundo, sua dissolução [...] coincide com o fim do mundo como evento” (RECALCATI, 2022, p. 40). Desta nova concepção de mundo é que Pasolini elabora uma demonstração como o desaparecimento dos vaga-lumes, um sintoma que retrata bem a “violência desmitificadora da civilização do consumo”, uma vez que com o desaparecimento dos vaga-lumes, configura-se um novo tipo de humanidade, que sustentados por novas formas de poder, reproduz uma “queda”, no sentido pasoliniano do termo, de que “a queda é aqui entendida mesmo literalmente: o apagamento e a extinção da luz, o deslizamento do mundo nas trevas do tecnofascismo” (RECALCATI, 2022, p. 46).

As maneiras de escapar desta captura do sujeito pelo “Novo fascismo” é o que dá forma aos últimos ensaios propostos por Recalcati. Isto é apresentado de



maneira clara no ensaio intitulado *O hóspede silencioso*. Neste, o autor faz uma análise da obra de Pasolini chamada *Teorema*, publicada em 1968. Se a observação aqui tem por pretensão uma saída do imbricamento do sujeito a essa captura do Novo fascismo, isto não fica totalmente claro na análise de Recalcati. Entretanto, devido ao encontro do sujeito com novas formas de subjetividade, temos um outro horizonte de apego ao futuro, não mais vinculado com a expectativa promovida pela urgência do consumo capitalista. Logo, em *O hóspede silencioso*, onde o objetivo percorre a dimensão cinematográfica, predomina nos personagens a “dissolução do Nome do pai (que) é descrita a partir da fragmentação de uma família burguesa” (RECALCATI, 2022, p. 58), isto se dá com a aparição atípica de um hóspede que transforma o cotidiano daquele ciclo familiar. O caráter profético do encontro marca o acontecimento como força transformadora ao “realizar plenamente a humanidade do homem”. Recalcati interpreta a aparição do jovem como a presença de um mistério, impossível de ser desvendada pela razão instrumental. Para o autor, aliado a Lacan, a interpretação de que dispomos parte do pressuposto de que há “um despertar que abala” (RECALCATI, 2022, p. 60). Aqui o cristianismo de Pasolini se revela ao sintetizar o encontro com a verdade, assim como o advento do desejo, ou melhor, “uma poderosa encarnação da força do desejo” (RECALCATI, 2022, p. 61). O encontro do hóspede com a família revela o que há de desejo no espírito de cada um, sua aparição promove “a conversão da vida em uma nova forma”, ao consumir a mentalidade burguesa, pela consciência: “tal substituição torna a burguesia culpada por ter compreendido mal a experiência religiosa, reduzindo-a a mera “*religião do comportamento*” (RECALCATI, 2022, p. 62). Disto, o real sentimento do sagrado resulta no “declínio irreversível”, formas de transformação que promovem recomeços àqueles fadados à estrutura burguesa de pensamento.

Neste sentido, diante da nova proposta atentada por Recalcati, temos uma outra perspectiva da obra de Pasolini. Isto fica claro no último ensaio, intitulado “*O PCI aos jovens*”, em que Pasolini se dirige ao movimento de 1968. Recalcati afirma estar ele às voltas com uma crítica dura, já que a análise parte do princípio de que os jovens de 68 estão próximos demais do pensamento dos próprios pais e impossibilitados de desencadear qualquer forma de processo revolucionário. Por mais que as críticas submetam Pasolini a um papel de reacionário, ele aponta que sem um projeto de transformação, “o 68 não é um acontecimento que subverte a ordem edípica do poder, mas a sua paradoxal reafirmação por meio da falsa marca de um protesto inofensivo” (RECALCATI, 2022, p. 70). Isto prova que a postura de Pasolini não os convida a uma desmobilização, resignação ou postura autocrítica, mas a descortinarem os defeitos dos pais como “figuras desprovidas de autoridade



simbólica, como figuras de fracasso e desorientação”, e os convida a repensar “sua relação política com as raízes”, com a memória (RECALCATI, 2022, p. 70). Portanto, o intuito de Pasolini, antes de promover a resignação obtusa, é encorajar os jovens a assumirem a responsabilidade ao tomarem as instituições, evitando o modo populista do anti-institucionalismo, “a quimera fácil do antiparlamentarismo ou da antipolítica” (RECALCATI, 2022, p.71). Logo, ao partir deste pressuposto, se as instâncias da luta são movidas por formas conflitivas, em Pasolini “a paixão revolucionária é em si anti-institucional, (ele) não esquece o caráter ‘comovente’ e ‘misterioso’ (não somente, portanto, o repressivo, ideológico e disciplinar) da instituição” (RECALCATI, 2022, p. 74). Assim, o objetivo de tal convocação ao Partido Comunista Italiano tende a uma transformação das instituições, de uma “visão da necessidade de uma mudança geracional que requer que se tenha o poder para modificar as estruturas do poder” (RECALCATI, 2022, p. 75).

Então, se o objetivo de Recalcati era percorrer as teses da teoria de Pasolini, a fim de criar um sentido ao que é a contemporaneidade, seu modo de exposição por pequenos ensaios, em um primeiro momento, parece não aproximar um assunto do outro. Entretanto, após a leitura de todo o texto, as sínteses depreendidas em *Pasolini – o fantasma da Origem*, confirma não só a boa justaposição do pensamento de Pasolini, mas também o quão urgente é preciso retomá-lo.

Importante ressaltar que foi possível depreender, devido a exposição clara de Recalcati, que ambas as formas, tanto Origem como história, existem em conflito, devido a seu exercício de contradição. O que resulta no progresso de uma para que a outra possa existir. O sentido suscitado ao leitor é de que uma não existe sem a outra, ou seja, o trabalho intelectual de Pasolini repousa na tensão permanente que há entre Origem e história, assim como é mantida na “oscilação existencial que os mantém em uma constante, embora precária, relação” (RECALCATI, 2022, p. 48). Importante ressaltar também que uma análise detida mostra que a construção do compêndio ensaístico de Recalcati tem dois movimentos: o primeiro percorre as teses de Pasolini centralizadas na recuperação de um sentido de Origem e as implicações de sua perda ao tentar conceber um processo revolucionário, vinculado ao discurso do progresso, mas desvinculado das raízes históricas, da memória, da própria natureza de concepção do movimento; e para, em um segundo momento, fazer refletir o encontro com o “despertar que abala”, promovido por um acontecimento que resulta na conversão da vida em uma nova forma, ao consumir a mentalidade burguesa, pela consciência.



Em outra formulação. A primeira parte recupera um sentido de Origem, assim como exemplifica as consequências de sua perda ao tentar conceber um processo revolucionário, vinculado ao discurso do progresso, mas desvinculado das raízes históricas, da memória, da própria natureza de concepção do movimento. Para, em um segundo momento, fazer refletir o encontro com o “despertar que abala”, promovido por um acontecimento que resulta na conversão da vida em uma nova forma, ao consumir a mentalidade burguesa, pela consciência.

Se for isso, podemos concluir afirmando que os últimos ensaios trazem uma outra perspectiva da teoria pasoliniana, mas não totalmente desvinculada a leitura anteriormente feita. Se podemos conceber a construção dos ensaios como uma continuação, apta a dar respostas deixadas nos ensaios precedentes, então podemos conceber o exercício como complementariedade a fim de elaborar a emergência de conceber a perda, adentrar as formas de sofrimento do corpo alienado promovido pela história, para então retomar a Origem, e, conseqüentemente, a concepção do Bem.



REFERÊNCIAS

PASOLINI, P. P. “Il vero fascismo e quindi il vero antifascismo”, *Scritti corsari*, op. cit., p. 59, 1974.

PASOLINI, P. P. “Il discorso dei Capelli”, in: *Scritti corsari*, Milão: Garzanti, 1977.

RECALCATI, M. *Pasolini – O fantasma da Origem*. Milão, Itália: Âyiné, 2022.

